

Revista **a** EVOLUÇÃO

Ano II - nº 18 - Jul./2021 - ISSN 2675-2573

ISSN 2675-2573

LUCIANE DA SILVA PRADO

Um olhar além do laudo.



POIESIS

Catarina Maul

Isac dos Santos Pereira

Manuel Francisco Neto

DESTAQUES

A EDUCAÇÃO E A DESIGUALDADE SOCIOEDUCATIVA EM TEMPOS DE PANDEMIA
Profª. Dra. Joseneide dos Santos Gomes



A ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS E AS CONCEPÇÕES PEDAGÓGICAS DA PRIMEIRA INFÂNCIA
Profª. Pamela Cristina Alvares Araujo



A educação evolui quanto mais evoluem seus profissionais

www.primeiraevolucao.com.br



Revista **EVOLUÇÃO**

Ano II - nº 18 de Julho de 2021 - ISSN 2675-2573

Editor Responsável:

Antônio Raimundo Pereira Medrado

Coordenação editorial:

Ana Paula de Lima

Manuel Francisco Neto (Angola)

Vilma Maria da Silva

Organização:

Vilma Maria da Silva

Manuel Francisco Neto

AUTORES(AS)

Adriana Santos Ramos

Carla Ferraz

Cinthia Caroline Gomes Lima de Oliveira

Débora Miriam Bezerra de Andrade

Faustino Moma Tchipesse

Fernanda Xavier Fontana Oliveira

Gisele Aparecida Padilha Vilela

Joseneide dos Santos Gomes

Luiz Ricardo Fueta

Marcela Knablen de Souza

Maria Aparecida da Silva Rocha

Miriam Ferreira

Natali Ricarte Cardoso

Neiva Luiza Martins de Oliveira

Silvia Harue Yogui

Pamela Cristina Alvares Araujo

Paulo Cordeiro Leite

Rosinalva de Souza Lemes

Sileusa Soares da Silva

A

São Paulo
2021

Editor Responsável:

Antônio Raimundo Pereira Medrado

Coordenação editorial:

Ana Paula de Lima
Denise Mak
Manuel Francisco Neto (Angola)
Patrícia Tanganelli Lara
Thaís Thomas Bovo
Veneranda Rocha de Carvalho

Com. de Avaliação e Leitura:

Prof. Me. Adeílson Batista Lins
Profa. Esp. Ana Paula de Lima
Profa. Dra. Denise Mak
Prof. Me. Isac dos Santos Pereira
Profa. Me. Ivete Irene dos Santos
Prof. Dr. Manuel Francisco Neto
Profa. Dra. Patrícia Tanganelli Lara
Profa. Dra. Thaís Thomaz Bovo
Profa. Me. Veneranda Rocha de Carvalho

Bibliotecária:

Patrícia Martins da Silva Rede

Edição, Web-edição e projetos:

Antonio Raimundo Pereira Medrado
Lee Anthony Medrado

Contatos

Tel. (11) 98031-7887
Whatsapp: (11) 99543-5703
primeiraevolucao@gmail.com
https://primeiraevolucao.com.br
São Paulo-SP - Brasil

Esta revista é mantida e financiada por professoras e professores.

Sua distribuição é, e sempre será, livre e gratuita.

É permitida a reprodução total ou parcial dos artigos desta revista, desde que citada a fonte.

Os artigos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores e não expressam, necessariamente, a opinião do Conselho Editorial.

Filiada à:



Publicada por:

Edições **Livro Alternativo**

A revista **PRIMEIRA EVOLUÇÃO** é um projeto editorial criado pela Edições Livro Alternativo para auxiliar professores(as) a publicarem suas pesquisas, estudos, vivências ou relatos de experiências.

O corpo editorial da revista é formado por professores, especialistas, mestres e doutores que atuam na rede pública de ensino, e por profissionais do livro e da tecnologia da informação.

É totalmente financiada por professoras e professores, e distribuída gratuitamente.

PROPÓSITOS:

Rediscutir, repensar e refletir sobre os mais diversos aspectos educacionais com base nas experiências, pesquisas, estudos e vivências dos profissionais da educação;

Proporcionar a publicação de livros, artigos e ensaios que contribuam para a evolução da educação e dos educadores(as);

Possibilitar a publicação de livros de autores(as) independentes;

Promover o acesso, informação, uso, estudo e compartilhamento de softwares livres;

Incentivar a produção de livros escritos por professores e autores independentes.

PRINCÍPIOS:

O trabalho voltado (principalmente) para a educação, cultura e produções independentes;

O uso exclusivo de softwares livres na produção dos livros, revistas, divulgação, palestras, apresentações etc desenvolvidas pelo grupo;

A ênfase na produção de obras coletivas de profissionais da educação;

Publicar e divulgar livros de professores(as) e autores(as) independentes e/ou produções marginais;

O respeito à liberdade e autonomia dos autores(as);

O combate ao despotismo, ao preconceito e à superstição;

O respeito à diversidade.

A educação evolui quanto mais evoluem seus profissionais

Revista Primeira Evolução [recurso eletrônico] / [Editor] Antonio Raimundo Pereira Medrado. – n. 18 (jul. 2021). – São Paulo : Edições Livro Alternativo, 2021.

142 p. : il. color

Bibliografia

Mensal

Modo de acesso: <https://primeiraevolucao.com.br>

ISSN 2675-2573 (on-line)

1. Educação – Periódicos. 2. Pedagogia – Periódicos. I. Medrado, Antonio Raimundo Pereira, editor. II. Título.

CDD 22. ed. 370.5

Patrícia Martins da Silva Rede – Bibliotecária – CRB-8/5877



<https://doi.org/10.52078/issn2673-2573.rpe.18>

www.primeiraevolucao.com.br

ÍNDICE

05 APRESENTAÇÃO

Prof. Dr. Manuel Francisco Neto

07 HOMENAGEM

Luciane da Silva Prado

COLUNAS

10 Catalog'Art; Naveg'Ações de Estudantes

Isac dos Santos Pereira

133 POIESIS

Catarina Maul, Isac dos Santos Pereira, Manuel Francisco Neto.



ARTIGOS

* Destaque

1. REFLETINDO A PRÁTICA DOCENTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL Adriana Santos Ramos	13
2. A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA Carla Ferraz	17
3. ARTE, EDUCAÇÃO E CRIATIVIDADE Cinthia Caroline Gomes Lima de Oliveira	23
4. LEITURA E CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL Débora Miriam Bezerra de Andrade	31
5. ORIENTAÇÃO VOCACIONAL: UMA PERSPECTIVA PEDAGÓGICA PARA O DESENVOLVIMENTO PSICOLÓGICO DOS ALUNOS DO II CICLO DO ENSINO SECUNDÁRIO EM LUANDA Faustino Moma Tchipesse	35
6. PRÁTICAS EDUCATIVAS PARA EDUCAÇÃO INFANTIL Fernanda Xavier Fontana Oliveira	47
7. OS CONHECIMENTOS E OS JOGOS MATEMÁTICOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL Gisele Aparecida Padilha Vilela	55
★ 8. EDUCAÇÃO E A DESIGUALDADE SOCIOEDUCATIVA EM TEMPOS DE PANDEMIA Joseneide dos Santos Gomes	59
9. AS LINGUAGENS ARTÍSTICAS NO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM Luiz Ricardo Fuenta	67
10. A INCLUSÃO E A DISLEXIA NA EDUCAÇÃO Marcela Knablen de Souza	73
11. AS BRINCADEIRAS E INTERAÇÕES, CONSIDERANDO OS ESPAÇOS FÍSICOS DOS CEIS Maria Aparecida Da Silva Rocha	77
12. PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM SALA DE AULA PARA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) Miriam Ferreira	85
13. EDUCAÇÃO INCLUSIVA: O AUTISMO NO CONTEXTO ESCOLAR Natali Ricarte Cardoso	89
14. UMA VISÃO REFLEXIVA PARA AS ARTES VISUAIS Neiva Luiza Martins de Oliveira	97
★ 15. A ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS E AS CONCEPÇÕES PEDAGÓGICAS DA PRIMEIRA INFÂNCIA Pamela Cristina Alvares Araujo	101
16. ATRIBUIÇÕES DE DISCIPLINAS A PROFESSORES NÃO ESPECIALIZADOS NAS ÁREAS A LECIONAR: IMPLICAÇÕES NAS PRÁTICAS DE ENSINO EM SALA DE AULA Paulo Cordeiro Leite	109
17. AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO CONTEXTO DA SOCIEDADE ATUAL Rosinalva de Souza Lemes	115
18. O LETRAMENTO E O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA Sileusa Soares da Silva	119
19. BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL E O DESENVOLVIMENTO PSICOMOTOR Sílvia Harue Yogui	125
20. A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NO ENSINO FUNDAMENTAL Vilma Maximiano Vieira	133

A ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS E AS CONCEPÇÕES PEDAGÓGICAS DA PRIMEIRA INFÂNCIA

PAMELA CRISTINA ALVARES ARAUJO

RESUMO: O presente artigo traz algumas reflexões teóricas a respeito da temática “A organização dos espaços de educação infantil anuncia as concepções pedagógicas vivenciadas”. A proposta é apresentar através de pesquisas bibliográficas a importância de se pensar que o modo como os espaços de educação infantil são organizados revelam as concepções de educação, de criança e de currículo construídas e vivenciadas pelas pessoas que nele interagem cotidianamente. É muito comum observar espaços de educação infantil com decorações não acessíveis às próprias crianças, ou seja, são como enfeites os quais devem ser apenas apreciados. As pesquisas realizadas afirmam que os espaços devem ser compostos e organizados com as crianças, garantindo que tenham acesso às mobílias, brinquedos, objetos e as suas próprias produções expostas nos espaços, pois o espaço por si só também educa. Para tanto, as referências teóricas foram embasadas nas contribuições de alguns autores tais como: Carmem Maria Craidy, Francesco Tonucci, Gládis Elise P. da Silva Kaercher, Maria Carmem Barbosa, Maria da Graça Souza Horn, Miguel Zabalza, Loris Malaguzzi, entre outros.

Palavras-chave: Acolhimento. Acessibilidade. Educação Infantil. Concepção de criança e infância.

INTRODUÇÃO

“Para a criança o espaço é o que sente, o que vê, o que faz nele. Portanto o espaço é sombra e escuridão, é grande, enorme ou pelo contrário, pequeno; é poder correr ou ficar quieto, é esse lugar onde ela pode ir para olhar, ler, pensar. O espaço é em cima, embaixo; é tocar ou não chegar a tocar; é barulho forte demais ou pelo contrário, silêncio; é tantas cores, todas juntas ao mesmo tempo ou uma única cor grande ou nenhuma cor... O espaço, então começa quando abrimos os olhos pela manhã em cada despertar de sono, desde quando, com a luz, retornamos o espaço”. (Fornero, apud Zabalza, 1998, p.231).

Antes de debruçarmos sobre as referências bibliográficas que abordam a temática “A organização dos espaços de educação infantil anuncia as concepções pedagógicas vivenciadas” se faz necessário considerar que as ações na educação infantil são permeadas pelas brincadeiras e interações, sendo de responsabilidade do professor o planejamento das experiências de aprendizagens, bem como a organização dos tempos, dos materiais e dos espaços. Portanto, refletir sobre essa temática é também considerar algumas concepções que ao longo do tempo vêm sendo construídas, pois não é possível falar sobre a organização dos espaços de forma isolada, uma vez que: “O espaço é o retrato da relação pedagógica. Nele, vão sendo registradas as descobertas e o crescimento do grupo. Observando a organização dos móveis e objetos, é possível identificar o modo como se relacionam alunos e professores” (Madalena Freire apud Horn, 2004, p. 38).

EDUCAÇÃO INFANTIL: BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO

Em 1988 com a Constituição Federal, bebês e crianças passaram a ter assegurado o atendimento em creche e pré-escola, sendo direito da criança, opção da família e dever do estado. Nesta perspectiva, as instituições de educação infantil deixaram de ser assistencialistas, na qual tinham como princípio básico o cuidar.



Posteriormente, em 1996 com a Lei de Diretrizes e Bases a educação infantil passou a ser definida como a primeira etapa da educação básica, ganhando a partir de então reconhecimento e visibilidade aos bebês e crianças pequenas. Tendo como princípio o desenvolvimento integral da criança em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social. Ou seja, as ações do professor passaram a ser permeadas pelo cuidar e educar, como ações indissociáveis.

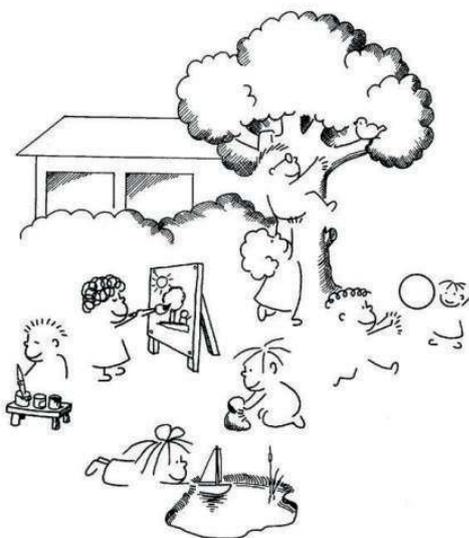
E atualmente, pautados na Emenda Constitucional nº 59, de 11 de Novembro de 2009, o inciso I do art. 208 da Constituição Federal, passou a vigorar com a seguinte alteração: “Art. 208 I- educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezessete) anos de idade, assegurada inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria”. E no Art. 6º determina que: “O disposto no inciso I do art. 208 da Constituição Federal deverá ser implementado progressivamente, até 2016, nos termos do Plano Nacional de Educação, com apoio técnico e financeiro da União”.

Com essas transformações e valorização da educação infantil também se fez necessário a formação dos profissionais atuantes na área.

Para Horn (2004, p.14) “[...] investir na formação dos profissionais que atuam nessa área é um dos caminhos a serem seguidos. Historicamente, esses educadores, em sua grande maioria, sobretudo os que atendem à demanda das camadas mais empobrecidas da população, têm sua prática ancorada no fato de ter paciência, de gostar de criança, de não ter uma formação profissional, de ter um trabalho próximo às suas casas, etc”.

CONCEPÇÃO DE CRIANÇA

“Houve um tempo em que as crianças eram vistas como incapazes e incompletas. Recipientes a serem preenchidos com o conhecimento e as decisões dos adultos. Ainda eram, em outros momentos, tidas como seres inocentes que deveriam ser protegidos da sociedade para não serem corrompidos. Ou vistas como seres biológicos cujo desenvolvimento se daria em estágios, em idades pré-determinadas, para serem consideradas normais. Ou ainda, em alguns momentos, não eram vistas. Essas maneiras de conceber a criança contribuíram para práticas adultocêntricas na Educação Infantil, que desconsideravam sua participação, seu protagonismo e seu potencial criativo. Práticas tão presentes ainda hoje”. (Cores em Composição na Educação Infantil, 2010, p.13).



(1977) Qual deles é surdo?

Ainda nesta perspectiva, Loris Malaguzzi (1999) em sua poesia “Ao contrário, as cem existem” diz que a criança manifesta seus conhecimentos e curiosidades sobre o mundo em suas múltiplas linguagens. Ele descreve as cem diferentes maneiras da criança pensar, sentir, falar, inventar, sonhar. Porém, no final ele coloca que os adultos roubam-lhe noventa e nove. Pois, estamos sempre podando as iniciativas infantis, almejando que façam apenas aquilo que lhe propomos, tendo como princípio a ideia de que os adultos são os transmissores do conhecimento.

Essas e outras contribuições teóricas nos levam a refletir e a construir socialmente uma concepção de criança mais justa.

Para Moscheto e Chiquito (2007, p. 49): “A criança, desde pequena, é um ser capaz de produzir ideias, cultura, objetos concretos e simbólicos; de desenvolver sentimentos que serão válidos por toda a vida; de questionar a realidade que a cerca e a que está distante no tempo e no espaço; de produzir significados sobre si, sobre o outro e sobre o mundo”.

Neste sentido, é fundamental compreender a criança como sujeito central do processo educativo, tornando as experiências mais significativas e prazerosas.

Hoje, as crianças estão tendo mais visibilidade. Quando falamos em criança logo pensamos em:

- Ser de direitos;
- Ativas;
- Construtoras de cultura;
- Com iniciativas espontâneas;
- Protagonistas em suas aprendizagens;
- Autônomas;
- Curiosas;
- Investigadoras;
- Questionadoras;
- Criativas;
- Singulares;
- Possuem voz própria;
- Tomam decisões; entre outras.

Essas ações devem ser fortalecidas pelos profissionais que convivem cotidianamente com as crianças, encorajando-as a serem cada vez mais participativas.

É necessário “[...] ver as crianças como atores sociais, que participam da construção de suas próprias vidas, que têm recursos para produzir cultura e que possuem voz própria, devendo, portanto, ser envolvidas nas situações de tomada de decisão”. (Moscheto e Chiquito, 2007, p. 48).



Frato: 40 anos com olhjos de criança
Francesco Tonucci, 2008, p.225.

Figura 5: O conselho de crianças

CURRÍCULO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Recentemente, a SME-SP (Secretaria Municipal de Educação de São Paulo) publicou o documento “Currículo integrador da infância Paulistana” (2015). Esse documento aponta possibilidades para “[...] desconstruir concepções de infância cristalizadas em imagens que retratam as crianças como se elas fossem todas iguais, como se elas tivessem a mesma história, o que justifica tratá-las de forma massificada, uniforme e anônima” (2015, p. 09).

As concepções que orientam o Currículo integrador afirmam que o processo de aprendizagem dos bebês e crianças acontece na: “[...] construção pessoal intermediada pela relação com o meio sócio-histórico-cultural e em interação entre pares, com os adultos e com os elementos da cultura com os quais interage [...]” (2015, p. 35).

Nesta perspectiva é reconhecer que as crianças: [...] “são sujeitos de direitos, autônomos, portadores e construtores de histórias e cultura, produzem, em sua experiência com o meio e com os outros, sua identidade [...]” (2015, p. 11). É dar visibilidade às crianças. É garantir sua participação. É ouvi-los com sensibilidade, compreendendo suas manifestações expressas pelas múltiplas linguagens. É torná-los protagonistas em seu processo de aprendizagem.

Neste sentido, o Currículo integrador (2015, p. 47) também compreende os espaços como: “[...] o segundo educador da turma, pois é, como a professora e o professor, um elemento essencial na promoção das aprendizagens dos bebês e das crianças e de seu desenvolvimento. Os materiais são diversos para que bebês e crianças explorem e se expressem por meio de diferentes linguagens e a gestão do tempo aconteça de forma variada para que bebês e crianças interajam entre si e exercitem a autonomia intelectual no planejamento, nas escolhas e na gestão do tempo”.

E afirma ainda que: “A garantia aos bebês e crianças de acesso a materiais diversificados, geradores de enredos para as explorações, para as produções e para as brincadeiras infantis é condição necessária para organizar vivências promotoras de desenvolvimento cultural”. (2015, p. 51).

ESPAÇOS DE EDUCAÇÃO INFANTIL: A ORGANIZAÇÃO ANUNCIA AS CONCEPÇÕES PEDAGÓGICAS VIVENCIADAS

Para abordar tal tema temos como uma das referências o documento “Padrões Básicos de Qualidade da Educação Infantil Paulistana: orientação normativa nº1/2015” da SME-SP que norteia o trabalho realizado nas Unidades de Educação Infantil.

Esse documento ressalta que: “Os ambientes na Unidade Educacional expressam as concepções de currículo, de infância, de criança e de Educação infantil que permeiam as práticas pedagógicas” (2015, p. 25), “[...] podendo configurar-se como espaço de respeito à potência infantil ou de confinamento e passividade, de momentos prazerosos ou do contrário” (2015, p. 20).

Acrescenta ainda que: “É a partir do encontro com o outro, com o meio e das possibilidades que o espaço e os materiais apresentam que meninas e meninos percebem o outro, o mundo e as coisas, elaborando suas hipóteses e teorias próprias da primeira infância”.

O poema “Laços, Traços... Espaços” (Rosa, 2007 in Ostetto, 2008), também nos leva a refletir quando descreve que “Espaço que vai além de meros espaços”, ou seja, quando decoramos e organizamos os espaços de educação infantil estamos abarcando e expondo tudo o que nele acontece, relações, afetos, aprendizagens, desafios, descobertas...



Laços, Traços... Espaços (Cristina Dias Rosa)

“Espaço... Espaços nossos de cada dia.
Espaços de laços, encontros, abraços.
Espaços de “caras e bocas”, traços, jeitos.
“Caras e bocas” de uns.
Traços de outros.
Jeitos de todos.
Marcas, que ficam que vão e que vêm.
Espaços de construções e desconstruções.
Espaços que marcam e desmarcam.
Espaço... que vão além de meros espaços!
Ah! Espaço nosso de cada dia.
Quantas coisas a ampliar?
Quantas outras coisas a possibilitar?
Quantas outras coisas a criar?
Então, vamos lá!
A questão é começar, apenas começar”.

Neste sentido, é fundamental organizar os espaços de modo em que a criança possa criar, construir e brincar. Espaços que sejam desafiadores, seguros e acolhedores. Porém, não basta apenas ter um espaço povoado por objetos, móveis e brinquedos, “[...] é preciso que ela interaja com esse espaço para vivê-lo intencionalmente” (Horn, 2004, p. 15).

Os espaços devem garantir a descentralização do adulto, fortalecendo e qualificando a construção da autonomia das crianças. Horn (2004, p. 33) ressalta que pesquisadores constataram que: “Os diferentes cantos da sala de aula são separados por estantes, prateleiras, móveis, possibilitando a criança visualizar a figura do adulto, mas não precisar dele para realizar diferentes atividades”. E “O olhar de um educador atento é sensível a todos os elementos que estão postos em uma sala de aula. O modo como organizamos materiais e móveis, e a forma como crianças e adultos ocupam esse espaço e como interagem com ele são reveladores de uma concepção pedagógica”. (Horn, 2004, p. 15). Assim, ao professor cabe “Criar condições ricas e diversificadas para que cada criança trilhe seu caminho e desenvolva suas possibilidades” (Horn, 2004, p. 09). Ou seja, o professor deve planejar e organizar com intencionalidade o tempo, espaço e materiais a serem explorados pelas crianças cotidianamente, tornando esse espaço significativo e convidativo. “Essa organização deve considerar o imprevisto, mas não o improvisado, possibilitando reorganizações e intervenções sempre que necessárias, com o movimento de mobiliários, equipamentos e materiais, respeitando, assim, a produção das culturas infantis”. (Orientação Normativa nº1/2015, p. 20).

Para Zabalza (1998) o espaço é por si só um educador. Moschetto e Chiquito (2007, p. 137) também afirmam que: “Mais do que compor o cenário das aprendizagens, o espaço é por si só uma situação de aprendizagem, é uma dimensão do trabalho educacional e gera uma dinâmica que envolve toda a prática pedagógica”.

Refletir e ressignificar os espaços de educação infantil é um dos assuntos abordados por Horn. Infelizmente, “Na educação infantil, é comum os arranjos espaciais não permitirem a interação entre as crianças, impossibilitando sua apropriação dos espaços através dos objetos, desenhos e nomes” (Horn, 2004, p. 27).

Perrenoud (2002) diz que esta ação de repetição do professor tem a ver com sua formação inicial e contínua. Para Freire (1992) é fundamental o professor refletir sobre sua prática e sobre as teorias que desrespeitam ao público-alvo atendido, bem como avaliar e planejar sua ação cotidiana.

Neste sentido, Horn (2004, p. 37) acrescenta que "[...] os professores se apoderam dos espaços, decorando-os e organizando-os a partir de uma visão centralizadora da prática pedagógica, excluindo as crianças disso. Na educação infantil, encontramos, com frequência, paredes com bichos da Disney, figuras da Mônica e Cebolinha, 'caprichosamente' colados, sem nenhuma interferência das crianças que habitam o espaço. Entre as consequências que isso acarreta, poderíamos citar uma 'infantilização' do processo de aprendizagem, como se as crianças não pudessem trabalhar com outros enredos que não esses, e como se elas não pudessem ter vontade própria".

Craidy e Kaercher (2001, p. 74) afirmam ainda que "A decoração de um ambiente deve ser criada, ao longo do ano, pelos usuários (educadores, crianças e pais). Não é preciso ter um espaço completamente pronto e praticamente imutável desde o primeiro encontro. O espaço é uma construção temporal que se modifica de acordo com necessidades, usos, etc".

Malaguzzi (1999) diz que algumas escolas usam as paredes para expor os que as crianças e os professores criaram e que neste sentido, as paredes falam e documentam o trabalho realizado. Afirma também, que a nudez da parede também revela uma postura pedagógica que não aposta no registro e na documentação do que está sendo vivenciado.

O espaço revela em sua composição as vivências e iniciativas infantis que nele as crianças protagonizam.

Para Craidy e Kaercher (2001, p. 77): "Planejar cantos e recantos da sala de aula implica um planejamento intencional, comprometido com o retrato do grupo, com as metas que nos propomos a atingir". Horn (2004, p. 60) completa que: "[...] é pensar em como, onde e quando o educador deve interferir junto às crianças [...]".

Quando povoamos os espaços da educação infantil tendo como objetivo a interação das crianças com os mesmos passamos a assumir uma concepção pedagógica que aposta no fazer com as crianças e não no fazer para as crianças.

A Orientação Normativa nº1/2015 (2015, p. 16) nos propõe pensar sobre "Como criar ambientes que possibilitem às crianças a beleza da descoberta, da pesquisa, da investigação, do encontro com mundos imaginários criados individual e coletivamente? Como organizar os espaços para que contemplem experiências e não apenas atividades?".

Pensar no espaço da educação infantil é pensar que não estamos em uma escola de ensino fundamental e nem na casa das crianças com todos os estereótipos que derivam destes espaços, e sim um espaço que permite a vivência de ricas e variadas experiências, onde as aprendizagens são mais significativas e prazerosas.

Craidy e Kaercher (2001, p. 78) ressaltam que é necessário que haja por parte dos adultos: "[...] uma vontade de experimentar, criar uma outra forma de ver, entender, conviver com as crianças". E ainda afirmam que "Estes espaços podem ser delimitados com materiais diversos: no chão podemos definir espaços com tapetes, pano, plásticos coloridos. Nas laterais com pequenas estantes, biombos, floreiras, panos pendurados em corda, cortinas de bambu entre outros[...]".

E Moscheto e Chiquito (2007, p. 137) também contribuem ao expor que "O espaço para aprender comunica como a criança é entendida, a postura da professora, os interesses, as interações e relações que nele acontecem, os papéis estabelecidos, as propostas de trabalho, a estética, o currículo, a relação com o tempo, entre tantas outras mensagens [...]".

Por fim, a SME-SP aponta que "Os ambientes devem ser planejados com cuidado, criticidade, criatividade e em consonância com a proposta pedagógica da Unidade Educacional, de forma a assegurar: Flexibilidade para organização de novas experiências; Respeito ao ritmo e à individualidade de cada bebê e criança; Multiplicidade de materiais, objetos e brinquedos ao alcance dos bebês e crianças; Interações e participação de todos os bebês e crianças, entre si e com os adultos; Movimentação ampla e experiências entre crianças da mesma idade e de idades diferentes; Escolha, decisões e pensamento das crianças, caracterizando o desenvolvimento de sua autonomia; Recolhimento e individualidade, descanso, momentos para experiências coletivas ou em pequenos grupos; Decoração e mobiliário que respeitem e representem a diversidade humana, levando em consideração, sobretudo, os aspectos étnico-raciais e de gênero, no cotidiano das Unidades Educacionais, e a autonomia e autoria das crianças; Ambientes limpos, com conforto térmico e acústico; As marcas da construção da cultura infantil; A

proporção professor-criança: as Unidades Educacionais da rede direta e conveniada devem pautar-se em Portarias específicas da SME. (Orientação Normativa nº1/2015, p. 20”).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É muito comum observarmos nas paredes, nas mobílias e nos brinquedos de educação infantil imagens estereotipadas. Um dos motivos que levam os profissionais da área a decorar as escolas desta maneira é o fato de acreditar que estas imagens agradam as crianças e na maioria das vezes escolhem por conta própria os personagens, principalmente os da Disney. Estas imagens excluem o modo de ser e viver de algumas crianças que não se reconhecem nestas representações padronizadas. Outra escolha apresentada ao universo infantil são as imagens descontextualizadas, ou seja, infantilizar os desenhos colocando olhos e boca em objetos, alimentos, flores, sol... Mas também é preciso considerar que outro motivo que induz para essa ação é o tipo de formação que o profissional vivenciou, no qual, também foi instigado a acreditar que imagens infantilizadas e estereotipadas agradam e alegram o público infantil. Por estes motivos, que muitos dos profissionais da educação infantil repetem ano após ano esses modelos de decorações que enfeitam os espaços.

Para tanto, pensar sobre a temática abordada neste artigo “A organização dos espaços na educação infantil anuncia as concepções pedagógicas vivenciadas” é refletir também sobre todas as concepções que norteiam o fazer pedagógico, concepções construídas socialmente e historicamente.

Antes de mudar as mobílias de lugar e trocar as decorações expostas nas paredes é necessário que o professor reflita sobre sua própria prática pedagógica e sobre as concepções que está anunciando no modo como organiza e decora os espaços da unidade educacional.

Isso significa refletir também sobre: O que penso sobre as crianças? Como, onde e com quem aprendem? Como vivem suas infâncias? O que permeia o currículo da educação infantil? Qual é o meu papel?

Estes e outros questionamentos nos levam a avaliar e conseqüentemente qualificar nossas ações. Ações que novamente serão anunciadas nas paredes, nos desenhos, nos brinquedos, nas relações, nas aprendizagens...

Para que as aprendizagens sejam significativas é fundamental que as crianças interajam no espaço organizado e decorado com elas e por elas. É muito mais enriquecedor quando iniciamos o ano com as paredes brancas, nuas, lisas para que no decorrer das vivências e experiências as crianças possam expor suas marcas e suas produções no espaço por elas habitado cotidianamente.

Ser professor da primeira infância exige conhecer, valorizar e respeitar a infância, planejando com intencionalmente situações de aprendizagens. Ou seja, organizar o tempo, os espaços e os materiais, para que as crianças possam explorá-los sendo protagonistas, construindo cultura, conhecimento, criando hipóteses, fazendo descobertas, tomando decisões, fazendo escolhas, nessa relação e interação que o espaço por si só oferece.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.
- BRASIL. **Emenda Constitucional n. 59**, de 11 de novembro de 2009. Disponível em http://legislacao.planalto.gov.br/legisla/legislacao.nsf/Viw_Identificacao/emc%2059-2009?OpenDocument acessado em 18/06/17 às 11h32min horário de Brasília.
- CRAIDY, Carmem Maria; KAERCHER, Gládis Elise P. da Silva. **Educação Infantil: pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001.
- HORN, Maria da Graça Souza. **Sabores, cores, aromas: a organização dos espaços na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- MOSCHETO, Marta Debortoli; CHIQUITO, Ricardo Santos (Org). **Projeto Marista para a Educação Infantil: Coleção Currículo em Movimento**, v. 2. São Paulo: FTD, 2007.
- MOYLES, Janet. R. **A excelência do brincar**. Trad. VERONESE, Maria Adriana Veríssimo. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- OSTETTO, Luciana Esmeralda. (org). **Educação Infantil: Saberes e fazeres da formação de professores**. Campinas (SP): Papirus, 2008.
- REDE MARISTA DE SOLIDARIEDADE. **Cores em Composição na educação infantil**. São Paulo: FTD, 2010.
- SÃO PAULO (SP). Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica. **Currículo integrador da infância paulistana**. São Paulo: SME/DOT, 2015.
- SÃO PAULO (SP). Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica. **Padrões básicos de qualidade da Educação Infantil Paulistana: orientação normativa nº 01/2015 / Secretaria Municipal de Educação**. São Paulo: SME / DOT, 2015.

TONUCCI, Francesco. **Frato: 40 anos com olhos de criança**. Tradução Maria Carmem Silveira Barbosa. Porto Alegre: Artmed, 2008.

ZABALZA, Miguel. **Qualidade em educação Infantil**. Porto Alegre: Artmed, 1998.



Pamela Cristina Alvares Araujo

Pedagoga, também graduada em Artes Visuais pela Faculdade Mozarteum (FAMOSP). Pós-graduada em Alfabetização e Letramento na Infância pela Universidade Cidade de São Paulo (UNICID), e em Formação de Educadores para a Primeira Infância pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR). Professora de Educação Infantil na Prefeitura Municipal de São Paulo (PMSP) atuando em CEI e EMEI.

MARIA ELENA DOS S
cer na vida e estudar,
DÊSTA
O CONTRIBUTO DA FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO
A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER
www.primeiraevolucao.com.br



ORGANIZAÇÃO:
Vilma Maria da Silva
Manuel Francisco Neto

Filiada à:



AUTORES(AS):

- Adriana Santos Ramos
- Carla Ferraz
- Cinthia Caroline Gomes Lima de Oliveira
- Débora Miriam Bezerra de Andrade
- Faustino Moma Tchipesse
- Fernanda Xavier Fontana Oliveira
- Gisele Aparecida Padilha Vilela
- Joseneide dos Santos Gomes
- Luiz Ricardo Fueta
- Marcela Knablen de Souza
- Maria Aparecida da Silva Rocha
- Miriam Ferreira
- Natali Ricarte Cardoso
- Neiva Luiza Martins de Oliveira
- Sílvia Harue Yogui
- Pamela Cristina Alvares Araujo
- Paulo Cordeiro Leite
- Rosinalva de Souza Lemes
- Sileusa Soares da Silva
- Vilma Maximiliano Vieira

 <https://doi.org/10.52078/issn2673-2573.rpe.18>



Edições
Livro Alternativo

www.primeiraevolucao.com.br

